

REAPRENDER E DESAPRENDER

RELEARN AND UNLEARN

Márcia Strazzacappa

Recebido: 17/06/202

Aprovado: 02/08/2022

Publicado:

DOI: [10.5965/10.5965/235809252612022e2176](https://doi.org/10.5965/10.5965/235809252612022e2176)

RESUMO

O presente texto apresenta e analisa as bases artísticas e teóricas que sustentam a ação pedagógica no campo de formação continuada de professoras(es) de arte e compartilha experiências vividas na disciplina obrigatória "Fundamentos Teóricos da Arte na Educação: os contextos contemporâneos" que ofereci para a turma de 2021 do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/Prof-Artes como Professora Visitante Sênior da Universidade Federal da Paraíba/UEPB. O texto ainda apresenta o livro "Fazer, pensar e ensinar artes cênicas: Epistemologias do Extremo Leste do Brasil", obra na qual é feita uma tripla alusão: A primeira, à expressão Epistemologias do Sul (Sousa Santos), como um lugar metafórico em que grupos de indivíduos foram colocados para permanecerem calados, apagados, diminuídos, desprezados e/ou subalternizados; a segunda, uma alusão a João Pessoa, cidade na qual se localiza a Universidade Federal da Paraíba; e a terceira, aos questionamentos acerca da pertinência da própria coletânea, indicando o quanto, por vezes, somos nós próprios, artistas, clowns e pesquisadoras(es) da cultura popular que nos colocamos "ao Sul" ao nos apagarmos e/ou nos diminuirmos como reflexo à educação recebida, de onde decorre o título do artigo: Temos muito a reaprender e a desaprender!

Palavras-chave: formação continuada de professores; ensino de artes; epistemologias do Sul

ABSTRACT

The present text presents and analyzes the artistic and theoretical bases that support the pedagogical action in the field of continuing education of art teachers and shares lived experiences in the compulsory subject "Theoretical Foundations of Art

in Education: contemporary contexts" that I offered to the class of 2021 as a Visitor Teacher at the Federal University of Paraíba. The text also presents the book "Doing, thinking and teaching performing arts: Epistemologies of the Far East of Brazil", a work in which a triple allusion is made: The first, to the expression Epistemologies of the South (Sousa Santos), as a metaphorical place in which groups of individuals were placed to remain silent, erased, diminished, despised and/or subordinated; the second, an allusion to João Pessoa, the city in which the Federal University of Paraíba is located; and the third, to the questions about the pertinence of the collection itself, indicating how, at times, we - artists, clowns and researchers of popular culture - are the one who place ourselves "in the South", when we erase and/or diminish ourselves as a reflection of the education received, from which the title of the article derives: We have a lot to relearn and unlearn!

Keywords: continuing education of teachers , art education, Epistemologies of the South.

DO SINGULAR PARA O PLURAL

Convidada a produzir um texto reflexivo acerca de minha pesquisa e publicação em torno das epistemologias do extremo leste do Brasil, resultante do trabalho como professora visitante Sênior da Universidade Federal da Paraíba/UFPB e ciente que esta edição especial da revista tem como tema central uma das disciplinas obrigatórias do programa, "Fundamentos Teóricos da Arte na Educação: os contextos contemporâneos", o artigo a seguir apresenta as bases artísticas e teóricas que sustentam minha ação pedagógica no campo de formação continuada de professores de arte e relata algumas experiências vividas remotamente ao ministrar uma disciplina obrigatória aos/às ingressantes da turma de 2021 do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/Prof-Artes da UFPB.

Trabalhei especificamente com a disciplina "A Experiência Artística e A Prática de Ensino de Arte na Escola" (grifos meus). Preferiria intitular a mesma usando o plural e retirando os artigos definidos femininos singular ("A") antes das palavras "experiência" e "prática", ficando: "ExperiênciaS ArtísticaS e PráticaS de Ensino de Arte naS EscolaS" (grifos meus). De pronto, com esta modificação aparentemente banal no título, apresento um dos alicerces que sustentam minha ação pedagógica: o reconhecimento da diversidade de pessoas que permite a multiplicidade de experiências e de práticas. Da mesma forma, como são múltiplas as realidades escolares, de Norte a Sul do país, opto em substituir a escola (no singular) por escolas (no plural). Por sua vez, a expressão "Ensino de Arte" segue no singular respeitando tal qual está previsto na legislação vigente (LDB 9394/96 e na BNCC).

Na ementa da disciplina supracitada, constava:

"Ementa: O sentido da experiência e o contexto escolar. Ensino da arte - experiência estética e experiência artística. O jogo (físico, verbalimagético ou sonoro) cola-

do ao espaço, ao lugar, às memórias, à voz do aluno. A repetição (re-elaboração) e a ritualização como prática formativa. O sentido do texto - escrito, oral, imagético, musical na aquisição de conhecimentos em arte. A estética do ambiente e do meio (da instrumentalização). A pedagogia como cultura e a cultura como pedagogia."

E como objetivos:

"Analisar metodologias de ensino de arte em suas diferentes linguagens (artes visuais, dança, teatro e música); Discutir o ensino de arte nos diferentes níveis da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico e Educação de Jovens e Adultos/EJA)"

Buscando trazer contribuições pontuais de minhas pesquisas nos campos da educação, da educação somática e das artes cênicas (teatro, dança e clowneria), acrescentei aos objetivos já postos os demais:

"Estudar o corpo como potência criadora e produtora de conhecimentos; Refletir sobre os saberes do corpo e do movimento nos diferentes níveis da educação formal; Vivenciar o corpo e experimentar no corpo; Discutir as práticas corporais e sua potência criadora e transformadora na formação de professores/as; Refletir sobre a importância da experiência artística no ensino de arte."(Plano de Curso, não disponível, 2021, grifos meus).

Por que tanta ênfase ao corpo e ao movimento corporal? Alguém pode afirmar que isso decorre justamente do fato de eu ser do campo das artes cênicas. Para John Dewey, "toda arte faz algo com algum material físico, o corpo ou alguma coisa externa a ele, com ou sem uso de instrumentos intervenientes e com vistas à produção de algo visível, audível ou tangível"(DEWEY,

2010, p. 126). Vou além do pensamento de Dewey e esclareço que, independente de o produto ser visível, audível ou tangível, o corpo está na base de sua produção.

Reafirmo igualmente que seja qual for a linguagem artística (música, artes visuais, teatro ou dança) a ser trabalhada em sala, música, artes visuais, teatro ou dança; se a prática artística demanda como suporte um instrumento de sopro, de corda ou de percussão; se precisa usar pincéis e tinta, barro e torno, agulha e linha para sua criação; ou ainda se sua produção artística depende de uma câmera fotográfica, dentre outros, é o corpo que está na base da ação! São os dedos firmes que seguram o pincel e que conduz a tinta à tela. São as mãos que amassam o barro e lhe dão forma. É a boca que prende a palheta e os pulmões que sopram o ar. É o corpo inteiro do ator ou da atriz que dá vida ao personagem e sua voz que lhe concede a palavra. É o corpo em movimento que faz a dança acontecer. São os olhos que selecionam a imagem que a lente vai capturar. Ou seja, independente do suporte da obra, o corpo que está na base da criação artística!

A pandemia de Covid que estamos a viver (quiçá, seu fim) funcionou como um grande laboratório para comprovar que nós, seres humanos, somos nossos corpos, com nossos potenciais e nossos limites. As horas de trabalho virtual sentados/as diante de telas de computadores, tablets ou celulares, (para aqueles e aquelas que mantiveram seus empregos, pois suas ocupações permitiam o trabalho remoto, como professores e professoras) evidenciaram a necessidade de nos movermos, não apenas pela saúde física quanto para mantermos nossa saúde mental. Nós precisamos de movimento tanto quanto precisamos do alimento e da hidratação. Por sua vez, a reclusão social em virtude da quarentena decretada como forma de proteção sanitária contra a disseminação do vírus Sars-Cov 19 nos mostrou como somos seres sociáveis que precisamos do coletivo, de estar juntos/as. A busca por filmes, literatura, músicas, documentários, séries televisivas e os relatos do número expressivo de pessoas que começou uma prática artística (como desenhar, bordar, escrever

poesias, fazer colagens, dentre outras) como forma de suportar o isolamento prolongado e diminuir a solidão nos mostrou a importância da arte em nossas vidas e nossa capacidade de nos reinventarmos. Em suma, a pandemia evidenciou nossa necessidade, como espécie, de estarmos no coletivo e de nos movermos criativamente.

Antes mesmo de as pessoas terem dado conta da importância do movimento corporal e da arte em suas vidas, isto é, antes da pandemia, já tinha o hábito de realizar atividades corporais e artísticas em minhas aulas, sejam elas teóricas ou práticas¹, buscando ser o modelo vivo daquilo que acredito e prego. Por exemplo, inicio e concluo as aulas em círculo, afinal, "círculos horizontalizam relações e acolhem diferentes pontos de vista. Estar em círculo permite que todas pessoas se vejam e sejam vistas. Círculos unem. Acredito que a educação deveria ser mais circular e horizontal que linear e vertical." (STRAZZACAPPA, 2021, p. 20).

No entanto, em virtude do ensino remoto, fiquei impossibilitada de fazer fisicamente uma dança circular para começar a aula. Tive de adaptar essa parte do encontro, realizando exercícios corporais individuais colocando cada qual em contato consigo próprio. Geralmente em pé, realizando movimentos de vibração corporal, exercícios respiratórios ou ainda por meio de pequenas massagens com as mãos. Em seguida, já com o corpo em outro estado de presença e atenção, convidava a todos/as para contemplarem o que denomino "provocação poética".

Provocação Poética são pequenos momentos de cinco a dez minutos em que apresento um excerto de uma cena teatral, realizo uma contação de história, faço a leitura de uma poesia ou de um trecho de literatura². A ideia central é iniciar uma aula de arte com arte. É colocar o/a estudante que, no caso do Prof-

1. Sobre esse tema, sugiro a leitura do artigo STRAZZACAPPA (2012a) "Invertendo o jogo, a arte como eixo na formação de professores" publicado nos Anais da 35 Anped, 2012.

2. A título de ilustração, na turma de 2021, as provocações foram: uma intervenção de Dona Clotilde com cenas sobre ensino de arte na escola; uma cena do espetáculo "Depois da Tempestade"; a leitura da poesia "Apnéia" de Paulo Emílio Azevedo e a interpretação do conto "Szabó" do livro "Mulheres que correm com os Lobos" (Clarissa Pinkola Estès).

Márcia Strazzacappa

Artes, é professor/a de arte da rede, em situação de fruição de arte. Com o ensino remoto, além das ações acima citadas, lancei mão de vídeos no YouTube³, reproduções de pintura, imagens fotográficas, músicas e canções para serem ouvidas, permitindo a apreciação artística, mesmo que tenha sido através da tela.

As Provocações Poéticas passaram a fazer parte de meu cotidiano docente depois de uma pesquisa⁴ acerca do repertório cultural de professoras (a pesquisa contou apenas com a participação de mulheres) do ensino fundamental I (professora de sala, não especialistas) da rede pública de ensino da Região Metropolitana de Campinas (RMC)⁵ que, à época (2003/2007), cursavam uma especialização na Faculdade de Educação da Unicamp. A pesquisa concluiu que "a escola é o principal e, por vezes, o único espaço de aproximação de crianças e de professoras com o patrimônio cultural material e imaterial"(STRAZZACAPPA, 2008) pois se sabe que "a apreensão da obra de arte não é nunca imediata; ela pressupõe uma **informação**, uma **familiarização**, uma **frequenteação**, únicos elementos capazes de propiciar ao indivíduo sistemas de referências"(FORQUIN, 1982, p.44, grifos meus), e é na escola que ocorrem as duas primeiras etapas da formação em arte: informação e familiarização.

Como se chegou a esta conclusão? A partir da análise das respostas das professoras da rede pública de ensino da RMC a um questionário aberto acerca de seu repertório cultural. O referido questionário continha questões como: qual o título do

3. Como o vídeo infantil "Mimimi, mamama" <https://www.youtube.com/watch?v=y5pUfVhCo-ee> ; as canções "Segue o teu destino" (interpretada por Renato Braz a partir da poesia de Fernando Pessoa com seu heterônimo Ricardo Reis) e "Linha"(Tiago Rinaldi); imagens dos livros de Helô Cardoso (Máscaras) e "Cartas entre Marias, uma viagem a Guiné Bissau" de Maria Isabel Leite e Virgínia Maria Yunes, dentre outros.

4. Pesquisa intitulada "Repertório cultural de professoras da rede pública de ensino da Região Metropolitana de Campinas (RMC)", realizada junto às estudantes do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Rede Pública de Ensino (Proesf) entre 2006 e 2008.

5. A Região Metropolitana de Campinas, no estado de São Paulo, foi criada em 2000 e abrange 20 municípios. Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara d' Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos, Vinhedo.

livro de literatura lido no último mês? Qual espetáculo (teatral, coreográfico e musical) você assistiu no teatro nos últimos 3 meses? Quando e qual foi a última exposição frequentada? Ou ainda, qual o título do último filme assistido no cinema? Ao ler as respostas, identificamos um número expressivo de professoras (quase 68%) que sequer se recordava da última vez que tinha realizado algum programa cultural fora do papel de acompanhante de crianças na escola. Diante desta realidade, os dados evidenciaram que o livro de literatura lido era o da "leitura infanto-juvenil de sala de aula"; o espetáculo fora aquele apresentado na própria escola em alguma data comemorativa; o concerto musical fora "o ensaio da banda marcial" e assim por diante. Quando questionadas, então, sobre a razão da ausência de programas culturais em suas vidas, as justificativas se pautavam em 1) falta de tempo em virtude da dupla jornada (ao atuarem em duas escolas) ou ainda na tripla jornada de trabalho (duas escolas + trabalhos domésticos), 2) falta de condições financeiras (diante dos altos valores dos ingressos e baixo salário) e 3) problemas familiares (mulheres que cuidam de familiares enfermos ou de filhos/as pequenos e/ou pais idosos). Não vou adensar essa discussão aqui⁶, afinal, diferentemente dos sujeitos da pesquisa acima, o público do Prof-Artes é composto por professores/as especialistas de arte que, a priori, produzem, fruem, estudam e apreciam arte. Será?

Desenvolvi uma pesquisa financiada pelo CNPq intitulada "Mergulhando na essência: Imersões Poético-Acadêmicas como processos de formação do artista, pesquisador, docente"⁷. A referida investigação partiu da constatação de que docentes

6. Para mais dados, vide o artigo STRAZZACAPPA (2012b) "O encontro com a arte: formando e transformando o repertório de professores" na Revista ECCOS.

7. Imersões poéticas como processos de formação do artista-pesquisador-docente. Pesquisa apoiada pelo CNPq (processo n. 304896/2016-0) com bolsa de Produtividade em Pesquisa. O projeto previa a realização de Imersões em Instituições de Ensino Superior/IES públicas que abriram cursos de dança pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), com a presença de artistas da dança convidados nacionais e estrangeiros, de dentro e de fora do mundo acadêmico. Atualmente, a pesquisa em andamento se intitula "Imersões poéticas na intersecção entre arte, saúde e educação" (processo n.306529/2020-3).

Márcia Strazzacappa

universitários no campo das artes cênicas, ao assumirem a docência, cargos universitários e demais funções administrativas (comissões, representação em colegiados etc.), deixavam sua produção artística em segundo plano ou simplesmente a abandonavam por completo. Em se tratando de um campo do conhecimento que se dá no fazer, isto é, em que a práxis é condição *sine qua non* da arte, "não há arte sem ela" (EISNER, 2015, p.129), como permitir o distanciamento de docentes de sua essência, isto é, "daquilo que somos feitos"⁸? O projeto previu a realização de uma imersão, pautada na educação dialógica (FREIRE, 1996), em que ao longo de uma semana estudantes de graduação e de pós, docentes e servidores/as, todos/as juntos/as, pudessem fomentar um diálogo criativo e realizar a construção coletiva de um produto (cênico, imagético, poético, visual). As imersões foram propostas em três diferentes IES que abriram cursos superiores de Dança pelo REUNI⁹.

Ao me aproximar da realidade de professores/as de arte nos diferentes espaços escolares, frequentadores/as do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, identifiquei, respeitando as devidas proporções, uma similaridade com o cenário dos/as docentes sujeitos de minha pesquisa. Em virtude das demandas do ensino, com preparação de aulas e materiais didáticos, ministério das aulas, correção de exercícios, reuniões de conselho, horas de formação e de capacitação escolar, dentre outras; a prática artística foi sendo deixada de lado e, ao se somar o tempo dedicado ao Mestrado, com o acompanhamento das disciplinas obrigatórias e optativas, as leituras complementares e a pesquisa de campo; a arte (seja em sua produção, fruição ou contemplação) ficou de lado na vida destes/as estudantes professores/as.

A forma de reacender a chama adormecida da arte nestes/as estudantes foi inspirada nas Imersões Poéticas. Assim, a segunda ação pedagógica realizada na disciplina dizia respeito

8. Título do capítulo publicado no livro ALBANO & STRAZZACAPPA (orgs) Entrelugares do corpo e da arte. Faculdade de Educação, 2011.

9. 9REUNI sigla referente ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

Márcia Strazzacappa

à propor uma produção pessoal (individual ou em grupo) de um produto artístico (desenho, cena, poesia) a partir do visto, vivido e/ou sentido, a ser apresentado ao grande grupo, seguida de uma discussão do tema da aula levando em conta leituras, experiências pessoais e a produção artística que acabaram de realizar.

Segundo o psicanalista Roberto Gambini, figura sempre presente nos eventos do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/Laborarte, grupo de pesquisa do qual faço parte, a arte:

“é uma antiga e preciosa via de obtenção de novos conhecimentos: realidades não nomeadas, terrenos não mapeados, valores ainda sem contorno e definição, sensações não catalogadas, estados de espírito incomuns, maneiras novas de estar no mundo e de ser humano. A arte leva a essas dimensões, as descobre, as inventa. (...) A arte é uma via antiquíssima de conhecer nosso mundo interno tanto quanto de registrar o externo e, por estar apoiada na imaginação e na fantasia, na verdade constitui uma dimensão da realidade.” (GAMBINI, 2010, p.151)

Em suma, a arte leva ao conhecimento! Então, vamos produzir conhecimentos e vamos falar de arte com arte. A obra de arte, mesmo quando se coloca como produção e/ou expressão de um único indivíduo, ela representa uma determinada comunidade, sociedade ou país e em um dado momento histórico. Da singularidade para a pluralidade. Já tive a oportunidade de manifestar meu

"cansaço ao ver a arte sendo tratada como um conhecimento sem voz própria, ao presenciar, em diferentes congressos e encontros, discussões em que muito se fala sobre arte, mas sem a presença da arte; em que a arte é defendida como área autônoma, porém por meio de conceitos oriundos de outras áreas do conhecimento,

seja da filosofia, da história, da psicologia, das ciências da educação, entre outras."(STRAZZACAPPA, 2012a).

Quando submeti o projeto para concorrer ao edital de professor visitante sênior junto à UFPB, tinha como objetivo dar prosseguimento às minhas atividades artísticas, investigativas e, sobretudo, de formação de professores, em outros tempos e espaços. Almejava povoar meu imaginário com outras cores, ritmos e sabores. Queria ampliar meu repertório e meu olhar, afinal, como afirma Arnaldo Antunes, "o seu olhar melhora o meu". Porém, alguns meses após minha mudança para João Pessoa, foi decretada a quarentena. Os planos de entrar em contato com as produções culturais locais, de circular pelo interior do estado, de conhecer outras manifestações acabaram "morrendo na praia" de Tambaú. A sala de aula virtual tornou-se o único espaço-tempo possível de poder conhecer e aprender mais sobre a produção cultural nordestina¹⁰.

Se, por um lado, a quarentena me impediu de conhecer presencialmente diversas manifestações locais, ou seja, impediu a abertura para novos horizontes; por outro, foi por conta da reclusão que o departamento se voltou para dentro de si e pode, internamente, buscar outros ares. Realizamos vários encontros virtuais, pelo meio dos quais pudemos conhecer melhor nossas pesquisas, idealizar e realizar projetos de cursos coletivos, organizar eventos online, participar de outros¹¹ e, por fim, produzir uma coletânea com discussões acerca da produção de conhecimento em arte que vinha sendo cunhada pelo corpo docente. Foi este tempo-espaço de reclusão que permitiu transformar medo em poesia.

10. Tendo em vista que além de estudantes da Paraíba, o Prof-Artes da UFPB conta com professores/as de outros estados como Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

11. Como o I Seminário Prof-Artes da UFPB, o Ciclo de Artes Cênicas organizado pelas professoras Marcia Chiamulera e Nykaella Barros, o Seminário de Licenciatura em Teatro e em Dança que foi compartilhado entre docentes do departamento de Artes Cênicas (e por meio do qual conheci mestres griôs, artistas indígenas e mestres populares de PB e PE), dentre outros/as.

Márcia Strazzacappa

"Em 2020, o mundo virou de ponta cabeça.
Havia duas opções:
cair no abismo ou aprender a voar!
Na ausência de asas,

Aprendi a caminhar sobre as nuvens.
Que da queda, seja feita uma dança!
E da crise, renovação!"
(Strazzacappa, 2020)¹²

Epistemologias do Extremo Leste do Brasil Ao "caminhar sobre as nuvens" buscando fazer "da crise, renovação", propus aos docentes do Departamento de Artes Cênicas dos cursos de Licenciatura em Dança e em Teatro e do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/Prof-Artes da Universidade Federal da Paraíba, que cada qual fizesse uma imersão em seus fazeres e trouxesse à superfície o pensamento subjacente às suas ações, numa atitude de desvelar as bases que sustentam e fundamentam o diferencial de suas práticas docentes, artísticas e de pesquisa.

O diferencial ao qual me refiro acima havia sido preliminarmente detectado ao participar da X Jornada de Artes Cênicas e I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas¹³. Neste evento, fui testemunha de apresentações cênicas conduzidas por crianças do ensino fundamental que adentravam pela primeira vez os muros universitários; acompanhei palestras de pesquisadores/as universitários/as e de mestres/as populares; presenciei mesas de discussão entre artistas e griôs e assisti professoras da rede realizarem performances.

Ao fazer o convite para a publicação da coletânea¹⁴ meus

12. durante o confinamento da pandemia, foi produzida uma série de vídeos, do qual o primeiro: "Com os pés no ar" pode ser acessado no seguinte link: <https://youtu.be/l9rE54nC8V4>

13. O evento ocorreu de 27 a 29 de novembro de 2019 nas dependências do Centro de Comunicação, Turismo e Arte/CCTA da Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa/PB.

14. Ao fazer o convite para a publicação da coletânea¹⁴, meus objetivos eram, primeiramente: produzir um registro acerca dos bastidores do evento (aquilo que está

Márcia Strazzacappa

objetivos eram, primeiramente: produzir um registro acerca dos bastidores do evento (aquilo que está submerso), tendo em vista que os anais¹⁵ apresentam apenas as comunicações acadêmicas; publicizar esta memória para que ela sirva de inspiração para outras instituições de ensino superior; destacar a relevância destas ações em que se coloca no mesmo patamar de importância mestres/as populares, griôs, professores/as da rede pública, artistas, pesquisadores/as e docentes; revelar a pertinência de ações que buscam romper com o modelo institucional que prioriza os saberes de matriz europeia; mostrar que é possível criar brechas para acolher Encontro de Saberes (CARVALHO, 2019) dentro da instituição de Ensino Superior; indicar que eventos que mesclam atividades acadêmicas com atividades artísticas são igualmente formas legítimas de educação. Em seguida, ao ter contato com algumas dissertações produzidas no programa participar de algumas bancas de mestrado do Prof-Artes, seja como membro da comissão julgadora, seja como público, convidei três recém mestradas para se juntarem a nós na publicação, somando-se mais um objetivo: divulgar algumas pesquisas realizadas no Prof-Artes que abrangem diferentes etapas da educação, quais sejam, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Lembro do estranhamento de alguns colegas docentes do departamento que questionaram acerca da pertinência de capí-

submerso), tendo em vista que os anais¹⁵ apresentam apenas as comunicações acadêmicas; publicizar esta memória para que ela sirva de inspiração para outras instituições de ensino superior; destacar a relevância destas ações em que se coloca no mesmo patamar de importância mestres/as populares, griôs, professores/as da rede pública, artistas, pesquisadores/as e docentes; revelar a pertinência de ações que buscam romper com o modelo institucional que prioriza os saberes de matriz europeia; mostrar que é possível criar brechas para acolher Encontro de Saberes (CARVALHO, 2019) dentro da instituição de Ensino Superior; indicar que eventos que mesclam atividades acadêmicas com atividades artísticas são igualmente formas legítimas de educação. Em seguida, ao ter contato com algumas dissertações produzidas no programa participar de algumas bancas de mestrado do Prof-Artes, seja como membro da comissão julgadora, seja como público, convidei três recém mestradas para se juntarem a nós na publicação, somando-se mais um objetivo: divulgar algumas pesquisas realizadas no Prof-Artes que abrangem diferentes etapas da educação, quais sejam, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

15. Anais da X Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas e I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas: Trans-formação: saberes do fazer arte e educação. Organização de: VICENTE, Ana Valéria; LARANJEIRA, Carolina e MORAIS, Líria, João Pessoa, 2019.

tulos com teor mais narrativo e descritivo que teórico e analítico, afinal, um livro não deveria apenas apresentar resultados de pesquisas acadêmicas com sólidos referenciais? Esse tipo de questionamento me acompanhou por muito tempo. Não por acaso, afinal nós fomos moldados dentro de uma educação tradicional que hierarquiza saberes.

"A pensadora feminista negra Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma que vez o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento." (RIBEIRO, 2017, p. 25)

De fato, ao longo dos últimos dois séculos, a tríade de poderes (colonialismo, capitalismo e patriarcado) delineou a racionalidade imperante no mundo, incluindo a dominação epistemológica. É difícil quebrar o modelo, porém, não é impossível. Pelo contrário, quebrar o modelo é necessário e urgente. Por vezes, precisamos de alguém que nos "aponte o dedo". Explico:

Quando me tornei docente da Faculdade de Educação da Unicamp em 2000, separava em compartimentos incomunicáveis o fazer artístico do docente, como se fosse uma pessoa com dupla personalidade. Isso só cessou após o questionamento de um estudante ao término de uma intervenção de Dona Clotilde, minha clown, numa disciplina da pós-graduação da FMUSP¹⁶.

16. Trata-se de uma disciplina de "Teoria pedagógica e prática docente" sob responsabilidade da professora doutora Aparecida Basile, da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo, na qual Dona Clotilde se fez presente no período de 2001 a 2019.

Márcia Strazzacappa

Sua dúvida era acerca da reação de minha turma quando entrava em sala com a personagem. Ora, até então não havia levado a clown em nenhuma disciplina obrigatória da graduação. Por que não?

"Por que relutei tanto tempo para levar Dona Clotilde para dentro de minha sala de aula? Será que porque acreditava que minha condição docente me impediria de me colocar como artista/personagem dentro da sala de aula? Será que acreditei que não caberia ao professor vestir um chapéu de guizos (LARROSA, 2007)? Qual transformação surtiu nos alunos a presença de Dona Clotilde em meio a uma atividade de aula formal? Talvez a pergunta mais relevante seja: qual transformação surtiu em mim? O que aprendi?" (STRAZZACAPPA, 2015, p.19)

A partir daquele dia, Dona Clotilde passou a frequentar as aulas da graduação. Uma turma não contava à outra para manter a surpresa e o encantamento. Esta atitude criava entre nós - docente e estudantes - uma cumplicidade e um vínculo, tão importantes quando o assunto é educação. Além da sala de aula da graduação, Dona Clotilde passou a me acompanhar em congressos, conferências, palestras e adentrou também espaços administrativos como reuniões de colegiado, congregação e comissão de ensino, pesquisa e extensão/CEPE. Ao romper esta barreira, foi como se um mundo tivesse se aberto diante de meus olhos. Passei a enxergar a universidade de outra forma. Compreendi que se acreditamos que algo precisa ser mudado na instituição, cabe a nós provocar essa mudança!

Diante disso, na condição de professora visitante da UFPB, trazendo comigo as experiências com Dona Clotilde e o frescor do olhar para as produções do departamento, cumpri o papel "daquela que aponta o dedo" indicando a importância de se registrar as ações realizadas por meio de narrativas. Mais que isso, destacando o valor delas e mostrando a necessidade desses registros e de seu compartilhamento para que outras instituições se inspirem e se espelhem.

Os capítulos foram sendo gestados individualmente, em duplas e ainda em um trio. Mantivemos um diálogo permanente para encontrarmos o fluxo da coletânea. O título "Fazer, pensar e ensinar artes cênicas: Epistemologias do Extremo Leste do Brasil" faz uma tripla alusão. A primeira diz respeito à expressão cunhada por Boaventura Sousa Santos, "Epistemologias do Sul". O Sul de que trata Santos "não aponta exclusivamente a uma geografia" (SANTOS, BAUMGARTEN & ARAÚJO, 2016) e sim a um lugar metafórico em que grupos de indivíduos foram colocados para permanecerem calados, apagados, diminuídos, desprezados e/ou subalternizados. A segunda, trata-se de uma alusão a João Pessoa, cidade na qual se localiza a Universidade Federal da Paraíba e a Ponta do Seixas, o ponto mais ao leste das Américas. Terceira alusão se refere aos questionamentos feitos pelos docentes acerca da pertinência da obra, questionamentos estes que indicavam o quanto, por vezes, somos nós próprios, artistas, clowns, pesquisadores/as da cultura popular que nos calam, nos apagamos, nos diminuimos, ou seja, nos colocamos "ao Sul", como resposta reflexa à educação recebida. Temos muito a desaprender!

"Pensar no Sul como metáfora e lançar mão das Epistemologias propostas por Santos, nos ajudam a colocar em relevo aquilo que já sabemos: O Sul é múltiplo! Basta delimitar uma região do país (...), tomar uma formação de base, um campo de atuação, uma profissão.

(...)Especificamente no tocante à arte e à educação temos ao Sul os/as agentes da cultura popular; a produção artística de mulheres; a produção artística de negros e de negras; os saberes dos/as mestres/as griôs; a produção cultural dos povos indígenas; os conhecimentos ancestrais; a arte circense; os projetos artísticos dentro da educação; a produção artística-intelectual fora do eixo RJ-SP; a arte dentro da universidade; dentre outros/as. De fato, são muitos os "suis".(STRAZZACAPPA, 2021a, p.24)

Considero que para romper com os procedimentos colonialistas que foram internalizados e naturalizados por nós, o primeiro passo seja ter consciência de sua existência. Esse é um caminho sem volta. Quando se tem consciência dos apagamentos históricos feitos pelas instituições; da transformação, em algumas sociedades, das diferenças em hierarquias ou ainda quando se tem consciência das opressões produzidas ao nosso lado, pelo/a colega de trabalho ou pelo/a vizinho/a; não se pode mais calar. Ter consciência desses procedimentos colonialistas, capitalistas e patriarcais demanda uma atitude ética. Como não existe a condição de "meio-ético" - isto é, não se pode selecionar com quais temas se vai agir de forma ética - afinal, só se pode ser ético por inteiro, trata-se de um caminho sem volta que nos leva ao segundo passo: permanecermos atentos/as, em vigiância e autocrítica constantes, inclusive para não cairmos em nossas próprias armadilhas, como visto acima.

Dentro desta premissa, afirmo e reafirmo que temos muito a reaprender. Reaprender nosso ofício docente. Tenho buscado rever meus planos de curso e repensar minhas palestras, buscando incluir práticas e produções não hegemônicas e para tal, faço o exercício de responder a algumas perguntas básicas que formulei após as leituras de Ribeiro (2017, 2020): quantas autoras mulheres fazem parte da bibliografia de meu curso? E, dentre elas, quantas mulheres negras? Quais referências imagéticas, sonoras e literárias tenho trazido como provocações poéticas para dentro de sala de aula¹⁷? Esclareço que não se trata de apagar nem menosprezar a formação que recebi. Muito menos negar autores e autoras que colaboraram com minha formação (basta olhar aqueles/as que foram aqui citados/as), pesquisadores/as e artistas que ajudaram a me constituir a artista, docente e pesquisadora que sou hoje. Trata-se de reaprender e somar.

17. Neste quesito, tenho buscado trazer mais exemplos de arte produzida por diferentes etnias indígenas, embora sinta que ainda tenho muito a aprender! Meu contato mais forte com a produção cultural indígena se deu na condição de orientadora de doutorado de Carla Avila docente da UFGD intitulada *Corpografias originárias: processo de imersão poética intercultural na qual ela estudou processos de imersões junto à licenciatura indígena FAIND (2020) do Mato Grosso do Sul com os Guarany e Kaiowás.*

Márcia Strazzacappa

Não é possível apagar o passado, mas é possível reescrever a história, realizando leituras críticas daquilo que está posto como certo e acabado e dar um passo além.

Semelhante ação tem sido empreendida com as cenas clássicas de Dona Clotilde, mesmo sabendo que ela:

"congrega numa só persona, características de uma profissão [faxineira], de uma classe social [pobre] e de um gênero [mulher]. Quando Dona Clotilde está diante do público, seja ele universitário, hospitalar e/ou empresarial, ela reverte o status quo, apresentando-se como a iletrada que dirige a palavra aos detentores do saber (e do poder), constituindo-se per se numa crítica social." (STRAZZACAPPA, 2021b)

Tenho buscado rever algumas gags para deixar ainda mais evidente as críticas que a personagem tece acerca das condições sociais das mulheres, com sua tripla jornada de trabalho (além da ocupação profissional, somam-se os trabalhos domésticos e os cuidados com filhos/as e pais idosos e/ou doentes), com os salários inferiores, com o desrespeito às trabalhadoras braçais, com as violências físicas e simbólicas etc.. A cada vez que incorporo a Dona Clotilde, vivo a experiência da invisibilidade humana (COSTA, 2004). As pessoas, ao verem o uniforme de funcionária da limpeza, são incapazes de ver a pessoa por trás, vêem apenas sua função. As servidoras da limpeza se assemelham a objetos! Foram inúmeras as vezes em que, enquanto aguardava para entrar em cena (como à porta da sala de conferência, no corredor do hospital, no hall do centro de convenções), fui interpelada com pedidos de serviço. Respondia que não podia atender naquele momento e virava-me para a pessoa evidenciando meu nariz vermelho. De nada adiantava, as pessoas não olhavam nos olhos, pelo contrário, manifestavam sua indignação com minha desobediência e por vezes, levantavam a voz. Tenho consciência de que sou uma pessoa privilegiada

Márcia Strazzacappa

por ser uma mulher branca de classe média e escolarizada, no entanto, basta vestir o uniforme de faxineira para ser colocada no lugar "daqueles que não importam" (Judith Butler in RIBEIRO, 2017, p.74). Tenho compartilhado em minhas aulas e palestras, seja no campo da educação, da arte ou da saúde, o quanto é revelador vivenciar a invisibilidade e quanto o teatro nos ajuda a trabalhar a alteridade ao nos permitir incorporar, mesmo que temporariamente, outros papéis¹⁸.

No que tange o ensino de arte, especificamente, como docente atuante em um Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, isto é, tratando diretamente com professores e professoras que estão no chão da escola, na lida com a educação básica, tenho a oportunidade de reafirmar a educação como dialógica, reconhecer a pluralidade de sujeitos, valorizar a diversidade de formas de expressão, introduzir, pelo exemplo, outras metodologias de aprendizagem e apresentar formas diferentes de se produzir conhecimento. Em minhas aulas, as leituras de textos são posteriores a vivência:

"O que posso oferecer para vocês no momento? É a minha experiência, a experiência de um corpo vivo. Isso é uma imersão poética! Convido você a mergulhar comigo (...) a repensar sua própria prática na escola, a se repensar como pessoa. (...) Não é a leitura. Essa parte teórica é possível fazer na ausência da professora. Porém, compartilhar experiências e provocar em vocês que vocês próprios gerem uma memória corporal, artística e coletiva; que mergulhem em suas próprias sensações, que estão sendo registradas aula a aula no caderninho [caderno de anotações sem pauta] e que vocês se revejam, a partir de minhas perguntas, como professores e professoras de arte e como artistas - isso

18. Sobre esse tema, faço parte de uma equipe transdisciplinar que desenvolveu uma metodologia ativa de aprendizagem que, dentre outros, apoia-se no pensamento do educador Paulo Freire e do teatrólogo Augusto Boal, vide o artigo intitulado *Medical Education Empowered by Theatre-MEET*

só no aqui e agora! (...) Se pergunte: Há quanto tempo eu não toco uma flauta? não canto? não desenho? não conto uma história? O que a arte [que produzo] tem a dizer? Como? E, a partir disso tudo, a pergunta maior: como dou conta do que se espera com o ensino de arte na escola: produzir conhecimento?" (transcrição da aula ministrada no dia 24 de maio de 2021 via Google Meet)

Espero ter conseguido traduzir em letras pretas sobre o papel branco parte das discussões que foram tecidas ao longo dos semestres como professora visitante sênior do Prof-Artes da UFPB. Espero ter provocado no leitor e na leitora o desejo em conhecer mais a fundo os trabalhos que vêm sendo realizados por artistas, docentes e pesquisadores/as do departamento de Artes Cênicas da UFPB e, com isso, ter aguçado a curiosidade para a leitura da coletânea¹⁹. Espero que encontros entre as diferentes IES possam acontecer para que sigamos realizando trocas epistêmicas, conhecendo mais as produções artísticas dos diferentes espaços e tempos deste imenso e diverso Brasil. Por fim, espero ter respondido algumas das questões que serviram de mote para a presente escrita, ou o contrário, espero ter suscitado mais perguntas, pois temos muito a desaprender, reaprender e aprender!

19. O livro "Fazer, pensar e ensinar artes cênicas: epistemologias do extremo leste do Brasil", está disponível como e-book pelas plataformas Kobo e Amazon.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica e STRAZZACAPPA, Márcia (orgs). (2011) *Entrelugares do Corpo e da Arte*. Campinas: Faculdade de Educação, 2011.

ÁVILA, Carla. (2020) "Corpografias originárias: processo de imersão poética intercultural". Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp, 2020.

AZEVEDO, Paulo Emílio (2017) *Depois dos vinte, prometo escrever o romance e me chamar Machado de Azevedo* (In obras incompletas). Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

BRASIL. BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF.: D.O.U de 23/12/1996, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 14 de maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 14 de maio 2022.

CARVALHO, José Jorge (2018) *Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras* In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018. (pp 79-106)

COSTA, Fernando. (2004) *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

DE CARVALHO FILHO, Marco Antonio; LEDUBINO, Adilson; FRUTUOSO, Letícia; DA SILVA WANDERLEI, Jamiro; JAARSMA,

Strazzacappa

Debbie; HELMICH, Esther; STRAZZACAPPA, Marcia. Medical Education Empowered by Theater (MEET). *ACADEMIC MEDICINE*, v. 1, 2020. ([doi: 10.1097/ACM.00000000000003271](https://doi.org/10.1097/ACM.00000000000003271))

DEWEY, John (2010). **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EISNER, Elliot (2015). **Estrutura e mágica no ensino de Arte** IN BARBOSA, Ana Mae. (org) *Arte-Educação: Leitura no Subsolo*. 9a ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FORQUIN, Jean-Claude (1982) **A educação artística: Para quê?** IN PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* 2a ed. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMBINI, Roberto (2010). **Com a cabeça nas nuvens**. Pro-posições, Campinas, v. 21 n2, p. 149-159, 2010.

JORNADA de Pesquisa em Artes Cênicas/UFPB de 27 a 29 de novembro de 2019 (2019) Caderno de resumos, Anais da X Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas e I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas: Trans-formAção: saberes do fazer arte e educação. Organização de: VICENTE, Ana Valéria; LARANJEIRA, Carolina e MORAIS, Líria, João Pessoa, 2019.

LARROSA, Jorge. (2007) **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. São Paulo: Autêntica, 2007.

PINKOLA-ESTÈS, Clarisse (2018) **Mulheres que correm com os lobos**. São Paulo: Rocco, 2018.

RIBEIRO, Djamila (2017). **Lugar de fala, feminismos plurais**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Strazzacappa

RIBEIRO, Djamila (2020). *Pequeno Manual Antirracista*, São Paulo: Cia das Letras, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara & BAUMGARTEN, Maíra (2016). **As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. In: *Sociologias*, ano 18, n. 43, set/dez 2016. (p. 14-23), 2016.

STRAZZACAPPA, Márcia (2008) "**Repertório cultural de professoras da rede pública de ensino da Região Metropolitana de Campinas (RMC)**", **Relatório de pesquisa não publicado. Faculdade de Educação**, Unicamp. 2008.

STRAZZACAPPA, Márcia (2012a) "**Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores**".http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-1335_int.pdf, Acesso em 16 de maio de 2022.

STRAZZACAPPA, Márcia (2012b) **O encontro com a arte: formando e transformando o repertório de professores**. *ECCOS, Revista Científica (OnLine)* v. 28, p.81-92, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia (2015) **Sobre Danças, andanças e mudanças: trajetórias e memórias de uma artista docente**. Campinas: Librum, 2015.

STRAZZACAPPA, Márcia (org.) (2021a) **Fazer, Pensar e Ensinar artes cênicas: epistemologias do extremo leste do país**. Campinas: Papyrus, 2021.

STRAZZACAPPA, Márcia. (2021b) **O riso é coisa séria**. Com a palavra: Dona Clotilde! in <https://www.fe.unicamp.br/fe-publica/publicacoes/o-riso-e-coisa-seria-com-a-palavra-dona-clotilde>. acesso em 16 de maio de 2022.

YUNES, Virgínia e LEITE, Maria Isabel (2009) **Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné Bissau**. Florianópolis: Evoluir, 2009.